

2004 - A Região da Conflitualidade e a Europa dos Quinze

A REGIÃO DA CONFLITUALIDADE E A EUROPA DOS QUINZE

por: Eugénio Costa Almeida©

Tudo o que tem acontecido nos últimos tempos na Palestina, a grande e única Região da Conflitualidade, ultrapassou, em muito, a génese pensadora inicial do p.m. israelita Ariel Sharon, mais tarde suportado pelos acontecimentos do 11 de Setembro e posteriores, ou seja uma impiedosa guerra ao terrorismo e a tudo o que lhe estiver ligado.

Todavia, vários factos importantes tornaram esse pensamento, mais que absoleto, totalmente irracional: i) um ataque ao segundo maior símbolo actual do Cristianismo, a Basílica da Natividade, facto que nenhum outro anterior p.m. israelita tentou – e houve-os com maior capacidade decisória e poder militar para o fazer, como os p.m. Golda Meyer e Menachem Begin, ou o general Moshe Dayan, – ii) a chacina que se verificou no campo de Jenin, já tacitamente reconhecida pelo exército israelita, além do cerco às principais cidades palestinianas, e iii) a tentativa de aniquilar política e fisicamente o líder palestiniano, Yasser Arafat, que, quer queiramos, quer não, ainda se perfila como o único instrumento veicular de união e contenção entre os palestinianos.

Com estas atitudes o sr. Sharon conseguiu, em tão curto espaço de tempo, o que os árabes, em geral, e os palestinianos, em particular, dificilmente conseguiram ao longo destes anos de guerras (mais ao menos abertas), terrorismo e tentativas de negociações de Paz; juntar, particularmente na Europa, tendências políticas e sociais tão díspares como pró-nazis, anti-semitas, comunistas, cristão, democrata-cristãos e sociais-democratas a que se juntaram países e organizações políticas e humanitárias, como a ONU, OUA, Cruz Vermelha, Parlamento Europeu – que não a União Europeia, - e a Rússia, num mesmo campo: uma crítica acérrima à política de terra-queimada do sr. Sharon. Só os EUA e o Reino Unido não só, não a condenam firmemente, como têm evitado que isso aconteça.

De facto, apesar das ténues condenações que a administração norte-americana, periodicamente, evidenciam, o governo israelita mantém-se irredutível na perseguição dos seus desígnios. Acabar com o terrorismo palestiniano, em geral, e com o líder palestiniano Yasser Arafat, igualmente chefe da al-Fatah, a maior organização da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Não é em vão que alguns palestinianos já começam a (re)chamá-lo pelo seu nome de guerra: Amu Ammar.

Mas será que o sr. Sharon já se esqueceu que o antigo p.m. Menachem Wolfvitch Begin, foi considerado pelas autoridades coloniais de Sua Majestade como um dos maiores e mais perigosos terroristas quando era chefe de uma das células do movimento sionista pró-independência, Ingun Isva’l Leumi (Organização Nacional Militar) que provocou inúmeras vítimas entre civis devido a ataques armados e bombistas? Então que legitimidade tem, agora, para condenar os actuais fedayines que, provavelmente, aprenderam com os movimentos sionistas que permitiram a actual realidade política, económica e militar que é o Estado de Israel.

É um erro histórico o que os israelitas estão a fazer ou o apoio que os anglo-americanos estão, tacitamente, a conceder ao governo judaico, reforçado com a Crise do Golfo II. E, onde está a Europa? É que, ao contrário do que muitos pensam, são os europeu, particularmente os quinze, quem mais continuarão a sofrer caso o conflito não pare. Senão vejamos:

a) A comunidade islâmica na União Europeia, em geral, e a árabe, em particular, é muito maior e mais expansiva e activa que a comunidade judaica; mesmo no Reino Unido, onde essa comunidade, principalmente por via dos paquistaneses, ascendem a largas centenas de milhares de crentes. Têm um forte poder económico e social. Relembremos o sr. Al-Faihed, donos dos grandes armazéns Harrods;

b) Os árabes dominam o cartel petrolífero da OPEP, a que pertence, igualmente, a Venezuela. Só que, por via do discreto apoio norte-americano ao falhado Coup d’État de 12 de Abril, poderá levar este país a apoiar algum boicote petrolífero que países árabes radicais vêm, discretamente, preconizando ao Ocidente. E quem mais depende e é fortemente deficitário do petróleo? Certamente não serão os norte-americanos;

c) E quem mais próximo está de eventuais radicais kamikazes islâmicos, agrupados na Al-Ahqba (“dissidentes”:, assim são denominados, da al-Fatah), ou dos radicais al-Saika, ELP, FPLP e FPDLP; do Hezbollah-Partido de Deus; da Jihad Islâmica; do Hamas-Movimento de Resistência Islâmica; etc.

Por estes factos não se entende como pode a Europa, que culturalmente se reclama de judaico-cristã, se manter equidistante da crise israelo-palestiniana e permitir que os israelitas sistematicamente a humilhe, como não muito atrás aconteceu com a delegação da União Europeia, liderada pelo sr. Javier Solana e pelo representante da então presidência espanhola. Foi impedida, de se reunir com o sr. Arafat e quase foi induzida a sair rapidamente da região. Os israelitas nunca esqueceram que os espanhóis foram sempre os maiores apoiantes da causa árabe-palestiniana, principalmente na década de 70, onde foram os únicos que quase não sofreram com a recessão petrolífera desta década.

Por outro lado, não se entende que papel o da Internacional Socialista e, nomeadamente, do seu reconduzido presidente, o português António Guterres, nem dos seus vice-presidentes, a grande maioria próximos da causa palestiniana, que durante muito tempo mantiveram um apoio claro ao, até muito recentemente, aliado governamental do sr. Sharon, os trabalhistas do sr. Shimon Peres que, juntamente com o sr. Arafat, foi um dos principais obreiros dos Acordos de Oslo.

Talvez, e como sempre advoguei, a Europa esteja a provar que, apesar da recente aprovação do protocolo que visa instituir uma futura Constituição Europeia, num hipotético Estados Unidos da Europa, nunca será uma União de Estados-Nações, mas tão só um grupo de Estados que se juntou para tentar fazer face ao poder económico, e só este, dos EUA. E parece que nem este é possível.

Os actuais acontecimentos, a sustentada melhoria de economia norte-americana e a depreciação económica da zona Euro, provam-no.

© (Publicado no “ Frente Oeste” em 01 de Janeiro de 2004, pág. 17)